

SÁS

Subsídios para uma Genealogia

Tendo em mãos, para breve publicação, a Genealogia dos Moreiras de Sá, Senhores da Casa e Quinta de Sá, em Santa Eulália de Barrosas, era minha intenção dar algumas notas àcerca do início nebuloso desta linhagem.

Aconteceu, porém, que tendo-me dedicado mais longamente ao estudo dos mais antigos Sás, descobri imprecisões e dados novos que julgo com interesse para quem se queira, posteriormente, abalçar a uma mais completa Genealogia desta família.

Por este motivo, resolvi recolher todos os dados num pequeno trabalho, que estudasse esta linhagem até ao começo do séc. XVI. Ele aqui fica.

1 — JOÃO AFONSO DE SÁ

Era filho bastardo de Afonso Anes de Voeire, Abade de Lousada, e de Maria Peres, mulher solteira.

Foi legitimado em 3 de Maio de 1315, pelo Rei D. Dinis:

«Dom Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue aquantos esta carta virẽ faço saber que eu querendo fazer graça e merçee a Joham Affonso filho de Affonso Anes de voeire que foy abade de Lousada e de Maria Perez sen casamento despenso cõ el e façoo legitimo que el possa auer testamentos e naturas e as outras onrras que an aquelles filhos dalgo que som legitimos per mj e mando que o direito e a ley que priua aquelles que legitimos nõ som dalguas onrras que nõ aia ã el logar nẽ lhi ãescã en testemũyo de sto lhy mãdei dar esta mha carta. Dãt ã Lisboa

tres dias de mayo El-Rey o mandou Joham Dominguez affez, era m. iijcliiijanos Steuã da Guarda» (1).

Foi vassalo dos Reis D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I, Cavaleiro, Padroeiro da Igreja de S. Miguel de Gemunde, no julgado de Vermoim, da Arquidiocese de Braga, Senhor das Quintas de Sá «no termo de Guimarães» e de Gemunde.

Casou com MARIA MARTINS, que a partir da leitura dos documentos apresentados pelo ilustre investigador Dr. Artur de Magalhães Basto, em 10 e 17 de Setembro de 1943, em «O Primeiro de Janeiro» e sob a rubrica «Falam Velhos Manuscritos», julgamos fosse filha de Martim do Vale, Senhor da Quinta do Paço Velho e outras, no julgado da Feira, e de sua mulher Joana Rodrigues. Um outro filho deste casal, Vasco Martins, instituiu, por testamento de 5 de Janeiro de 1349, a obrigação do Mosteiro de Grijó rezar uma missa quotidiana pela alma de seus pais e pela de seu irmão Afonso Martins, para satisfação da qual deixou ao dito Mosteiro 50 libras anuais impostas na Quinta do Paço Velho e Casais à mesma pertencentes.

Alguns genealogistas fazem-no casado com Teresa Rodrigues de Berredo, que dizem ser filha de Martim Mendes de Berredo (além dos patronímicos não coincidirem, Alão de Moraes, entre outros, na sua *Pedatura Lusitana*, Tomo II, Vol. I, pág. 33, diz que ele não teve geração).

Felgueiras Gaio no seu *Nobiliário* embora refira ter tido conhecimento de uma memória que dava o nome de Maria Martins à mulher de João Afonso de Sá, afasta-se dela para o fazer casado com aquela dona da linhagem dos Berredos. No mesmo erro cai o Senhor Marquês de Abrantes, no seu valioso estudo sobre esta progénie (2).

(1) *Chancelaria de D. Dinis*, L.º 3, fls. 100 v.º; Arquivo Histórico Português, A. Braamcamp Freire, II, pág. 464.

Os Nobiliários fazem João Afonso de Sá filho de um Paio Rodrigues de Sá, Rico-homem de Lafões, e neto de Rodrigo Anes de Sá e de sua mulher D. Mécia Rodrigues do Avelar.

Esta tese não tem qualquer documento ou testemunho válido a servir-lhe de apoio.

A Carta de Legitimação de D. Dinis, publicada por Braamcamp Freire é, a nosso ver, irrefragável.

(2) *A Heráldica da Casa de Abrantes*, «Boletim da C. M. do Porto», Vol. XXXII, fasc. 3 e 4, pág. 573.

No entanto, existe um documento de escambo entre Rodrigo Anes de Sá, seu filho, e Beatriz Aires, sobrinha deste e monja no Convento de Arouca, do ano de 1379, àcerca da Quinta de Sá que ela herdara de sua mãe Senhorinha Anes de Sá, e que seu tio pretendia adquirir por troca porquanto «a dita quintãa hé de sua avoenga e foi de seu padre omde leva o nome e por que se ao dito moesteiro ouvesse poderia seer vemduda e permudada em outra pessoa fora da linhagõe por aqual rrazam elle e seus filhos poderiã rreçeber grande dannno». Nele se refere ser o dito Rodrigo Anes de Sá e sua irmã Senhorinha Anes de Sá filhos de João Afonso de Sá e de Maria Martins (3).

Por este mesmo documento, acima referido, se verifica ser este apelido derivado daquela Quinta de Sá, que no entanto só sabemos situar-se «no termo da vila de Guimarães».

Tiveram:

- 2 — Rodrigo Anes de Sá, que segue
- 2 — Senhorinha Anes de Sá, que casou com Aires do Vale, e levou em dote a Quinta de Sá.

Foi sua filha única Beatriz Aires, monja no Convento de Arouca, e que cedeu, em 1379, a Quinta de Sá a seu tio Rodrigo Anes, em escambo doutras terras.

2 — RODRIGO ANES DE SÁ.

Cavaleiro, Alcaide-mor de Gaia (mercê de 23 de Maio de 1367), Senhor dos direitos reais e rendas de Gaia e seu termo, de Vila Nova a-par-de Gaia e seu termo, em pagamento de sua quantia para servir El-Rei com certas lanças (1373), Padroeiro de S. Miguel de Gemunde, Embaixador do Rei D. Fernando a Roma ao Papa Gregório XI, Senhor das Quintas de Sá, de Gemunde e de Drizes (esta no concelho de Lafões), herdeiro universal do seu escudeiro Pero Esteves do Avelar, filho de Estêvão Peres do Avelar, do mesmo concelho acima citado, do qual entre outros bens herdou a Quinta do Pingo (4).

(3) *Chancelaria de D. Fernando*, Livro 2 de Além Douro, fls. 144 v.º; Arquivo Histórico Português, II, pág. 465 e III, pág. 121.

(4) *A Heráldica de Casa de Abrantes*, idem pág. 574; idem Apêndice Documental, pág. 289 e seguintes, no «Boletim C. da C. M. P.», Vol. XXXIII.

Casou em 1.^{as} núpcias com MÉCIA RODRIGUES DO AVELAR, com filiação desconhecida, e de quem terá herdado a Quinta de Drizes.

Os Nobiliários portugueses e o próprio Marquês de Abrantes (5), fazem-no casado com JÚLIA (ou CECÍLIA) COLONNA, filha, segundo uns, de Diogo Collonna (outros dizem ser filha de Eduardo Colonna), irmão do Cardeal D. Agapito Colonna, Bispo de Brescia e depois Bispo de Lisboa (1371-1380) e Cardeal de Santa Prisca, e de Stefano Colonna «O Grande» e «Pai da Pátria», que foi 5 anos Senador de Roma e coroou no Capitólio os Imperadores bávaros Henrique e Luís, que por tal serviço lhe deram a coroa imperial para usar sobre a coluna de suas armas; neta de Pedro Colonna; bisneta de Jacobo Colonna; 3.^a neta de Giovanni Colonna, Senador e Senhor de Galicano e Colonna (neto de Peleo Colonna, Senhor da Palestina). O Cardeal Agapito Colonna foi 3.^o avô de Otto Colonna, que foi Papa com o nome de Martinho V.

Segundo os mesmos Nobiliários, este casamento resultaria da permanência em Roma de Rodrigo Anes de Sá, como Embaixador do Rei de Portugal.

Nós, no entanto, colocando-nos ao lado de ilustres investigadores como Braamcamp Freire, não aceitamos de ânimo leve tão vangloriosa ligação com um membro daquela principesca família romana (note-se que os Colonna deram nomes ilustres à História Universal, como o Papa Martinho V, a célebre Vitória Colonna, Marquesa de Pescara, ilustre poetisa e mecenas das Artes, que foi uma das grandes paixões de Miguel Ângelo, os Príncipes de Carbo gnano, de Anticoli, de Paliano, de Palestrina, Duques de Tagliacozzo, Paliano, Bassanello, Albuquerque, Medina de Rio Seco, Amalfi, etc.). Tanto mais, que tal casamento não é corroborado por nenhum documento ou mesmo por qualquer nobiliário italiano, o que nos parece, a ser verdade tal ligação, uma falha incompreensível.

Admitindo, porém, que o casamento com Júlia (ou Cecília?) Colonna seja verdadeiro, então temos que concluir que dele não terão nascido filhos, e ter-se-á realizado quando Rodrigo Anes era já viúvo de Mécia Rodrigues do Avelar, isto é, em 2.^{as} núpcias.

E se tal afirmamos, é por factores que nos parece nunca terem sido ponderados e que são de extrema importância para a clarificação do atrás referido.

(5) Idem, pág. 573.

Como ficou dito lá para trás, referem os Nobiliários que o casamento com a ilustre Senhora da linhagem dos Colonna ter-se-ia verificado quando Rodrigo Anes foi enviado a Roma, como Embaixador de D. Fernando ao Papa Gregório XI.

Ora sabendo nós que o Papado se conservava há muito tempo em Avinhão, em virtude da peste e de guerras que alastravam em Roma, e que só no ano de 1377 Gregório XI, até então residente naquela cidade francesa, decidiu regressar à «Cidade Eterna», onde faleceu no ano seguinte, é de concluir que aquela Embaixada só se poderia ter efectuado em 1377 ou 1378.

Sendo assim, também é de concluir que o referido casamento só se teria realizado a partir daquela data, o que imediatamente exclui a possibilidade de fazer João Rodrigues de Sá «o das Galés» filho deste casamento, porquanto sabemos que já em 1365 nos aparece nomeado no rol dos fidalgos com comedia no Mosteiro de S. Salvador de Grijó, inserto na Crónica de Frei Marcos da Cruz, folhas 61: «Rodrigo Anes de Sá, cavaleiro e sua mulher e duas filhas, João Rodrigues seu filho da outra mulher, Rodriga Anes de Sá mulher de Airias do Vale». Este rol, foi organizado por Juro Geraldês, Corregedor de Entre-Douro-e-Minho, em 1365, por ordem de D. Pedro I a quem o prior D. Afonso Esteves pediu que livrasse o Convento das extorsões e da opressão efectuadas pelos comedores (6).

Aliás, bastar-nos-ia a data de 1384, do Cerco de Lisboa, onde João Rodrigues obrou as façanhas que lhe grangearam o honrosíssimo criptónimo de «o das Galés», para concluirmos que este herói, a dar-se naquela data de 1377 o casamento de seu pai, teria então a idade de 7 anos!!!

Então poderíamos admitir a hipótese lançada por outros linhagistas (nomeadamente o Abade de Perozelo) da Embaixada se ter realizado ainda no reinado de D. Pedro I. Mas nesse caso, já o pontífice não era Gregório XI, que foi eleito em 1370, e o nosso Rei morreu no ano de 1367. E antes de Gregório XI? Os Papas que o precederam, viveram, como atrás ficou dito, em Avinhão, como se pode ver, nomeadamente, pela Bula de dispensa de parentesco entre D. Pedro e D. Inês de Castro, datada de 19 de Março de 1325 e assinada pelo Papa João XXII: «*Joannes Episcopus servus Dei dilecto filio Petro, Infanti primogenito charissimi in Christo filii nostri Alphonsi Regis Portugaliae E Algarbii*

(6) Manuscrito n.º 640, na Biblioteca da Universidade de Coimbra.

illustris salutem, (...) Datum Avinhon decimo nono Calendas Martii, anno nono» (7).

Por este motivo, só nos resta concluir que se tal casamento se realizou, dele não houve geração, e que em 1.^{as} núpcias terá Rodrigo Anes de Sá casado com Mécia Rodrigues do Avelar, de quem teve, pelo menos, o Sá das Galés.

Finalmente, não nos parece de forma alguma crível que possuindo este ramo de Sás tão preclara e principesca ascendência, nem um só dos seus descendentes (ramos varonis ou os derivados de fêmea) tenha usado tão ilustre apelido, ou sequer, de suas armas. Bem sabemos que o ramo dos Sás de Coimbra, que originou, entre outros, os Condes de Anadia, usou a coluna coroada das armas dos Colonna, no centro do enxaquetado de prata e azul dos Sás, mas tal só aconteceu a partir do séc. XVI, quando o casamento começou a ser propalado pelos Nobiliários, e pelo ilustre autor das *Quintilhas Heráldicas*, João Rodrigues de Sá de Menezes.

O casamento com Mécia Rodrigues do Avelar parece-nos o mais provável e verosímil. Até aquele testamento de Pero Esteves do Avelar, filho de Estêvão Peres do Avelar, do julgado de Lafões, nomeando Rodrigo Anes de Sá «meu Senhor» como seu herdeiro universal, parece corroborar a nossa tese.

É curioso verificar que a maior parte dos Nobiliários referem um Paio Rodrigues de Sá, muito herdado no concelho de Lafões, e seus pais Rodrigo Anes de Sá e mulher Mécia Rodrigues do Avelar, como ascendentes de João Afonso de Sá (n.º 1). Tudo isto nos parece confusão com o Rodrigo Anes de Sá que temos vindo a estudar, que também sabemos pelos Nobiliários ter tido um filho chamado Paio Rodrigues de Sá; ora pelo testamento atrás referido, não nos custa admitir que este viesse a ser muito herdado no concelho de Lafões.

Outro factor a considerar é o facto de o Sá das Galés ter tido uma filha chamada Mécia Rodrigues (ver o testamento daquele, transcrito na íntegra pelo Senhor Marquês de Abrantes, obra citada, documento 9) o que, aliado às razões atrás apontadas, parece confirmar a nossa tese. É ao que cheira, e o cheiro nestas coisas tem muita importância, como dizia curiosamente o grande Mestre Braamcamp Freire.

(7) *História Genealógica da Casa Real*, D. António Caetano de Sousa, Vol. I, pág. 225.

Casou em 2.^{as} núpcias (ou 3.^{as}?) com BERINGEIRA ANES DO VALE, de quem desconhecemos a filiação, mas julgamos pertencer à linhagem deste apelido.

Em 1364 Rodrigo Anes de Sá e um João Madeira metem-se na posse das herdades que pertenciam aos Vales, no julgado da Feira, e já referidas lá para trás. O ilustre autor daquele estudo, Dr. Magalhães Basto, refere que posteriormente, em 26 de Fevereiro de 1369, se fizera «uma composição entre os dois pretensos usurpadores, pela qual foram divididas entre ambos as propriedades de que era composta a Quinta do Paço Velho (mais tarde chamada Quinta da Anta)».

Acrescenta o autor que nova divisão foi feita alguns anos mais tarde, em 1388, e nesta altura entre o mesmo João Madeira e «Beringeira Annes m.er que fora de Rodrigo Annes de Sá».

Pelo exposto naquele interessantíssimo artigo, deduz-se que fossem invocados pelos dois fidalgos direitos de sucessão por parentesco. Sendo assim, mais nos convencemos de que estará certa a nossa suposição de Maria Martins, mãe de Rodrigo Anes, pertencer à linhagem dos Vales.

Avancemos mesmo que o facto de sua mulher pertencer muito provavelmente à linhagem dos Vales é irrelevante, porquanto ela só nos aparece a invocar os seus direitos à Quinta após a morte de seu marido e como sua herdeira.

O Senhor Marquês de Abrantes duvida da veracidade deste (2.º?) casamento com Beringeira Anes do Vale, que julga mais provavelmente sua sobrinha, admitindo porém que ambos possam ter vivido maritalmente. Esta dúvida deve-se a uma insinuação de João Rodrigues de Sá, «o das Galés» num instrumento de apelação e desagravo contra o Arcebispo de Braga, àcerca da Quinta de Gemunde, que este esbulhara àquele, para a mandar entregar «a Berjngeyra Annes do Valle molher que se diz que foy do ditto Rodrygueannes meu Padre» (8). Acrescenta logo à frente o Sá das Galés «& sintindomme eu agrauado per uooz nas sobredittas couzas & temendo me de o ser ao deamte mays pois me sodes muy suspeyto porque sigumda vooz & famma & opynyom communal de todollos desta comarca de antre Douro & Minho uooz tendes a ditta berynjeira Annes per uossa Barregã & uos serve de couto & ajuntamento carnal». Julgamos residir aqui a razão da animosidade contra a madrasta que o levou a pôr em dúvida

(8) Marquês de Abrantes, obra cit., Vol. XXXIII, Documento n.º 3.

o casamento dela com seu pai. A nosso ver, porém, os documentos transcritos por Magalhães Basto encerram definitivamente a dúvida acerca da veracidade do casamento.

Filhos do 1.º casamento:

- 3 — João Rodrigues de Sá, que segue
- 3 — Paio Rodrigues de Sá, muito herdado no concelho de Lafões.

Filhos do casamento com Beringeira Anes:

- 3 — Aldonça Rodrigues de Sá, Abadessa de Rio Tinto, teve pelo menos um filho de Martim Afonso de Sousa, «o da Batalha Real», 2.º Senhor de Mortágua, e foram os progenitores dos Condes de Redondo.
- 3 — Constança Rodrigues de Sá que casou com João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha da Madeira, Capitão donatário do Funchal, progenitores dos Marqueses da Ribeira Grande e Condes de Atouguia.

Teve ainda, cremos que bastardo:

- 3 — Gonçalo Anes de Sá, Escudeiro, foi Senhor do reguengo de Sá, na freguesia de Santa Ovaia a Antiga, no julgado de Montelongo, aforado por mercê do Infante D. João, irmão do Rei D. João I, e confirmado por D. Fernando.

Em 20 de Setembro de 1400 é confirmado o aforamento desta Quinta, por D. João I, a Fernando Esteves de Covelas, tabelião de Montelongo, e mulher Inês Dias, para sempre e para os sucessores, por doação que Gonçalo Anes e mulher haviam feito, em consideração do bem e da honra que daquelles tinham recebido e julgavam receber no futuro.

Casou com Catarina Domingues.

3 — JOÃO RODRIGUES DE SÁ, «O DAS GALÉS»

Suc., Cavaleiro, Camareiro-mor do Rei D. João I (cargo de valor hereditário), Embaixador ao Papa Bonifácio IX, Alcaide-mor de Melgaço, Senhor do Barreiro e de Sever, de juro e herdade, com todas as rendas, foros, tributos e pertenças (em 29 de Março

de 1384). No mesmo ano dá-lhe D. João I as casas de Lisboa pertencentes aos judeus Samuel Guedelha e José Navarro, a José Pardo e a Pero Esteves (prior de S. Pedro de Alenquer), por estarem ao serviço de Castela; em 25 de Outubro de 1385, a terra de Castro Daire, com todos os direitos e rendas, que era de Gonçalo Nunes de Barros; em 4 de Novembro, a parte do mesmo Rei na Quinta de Canelas, no julgado de Figueiredo; em 24 de Janeiro de 1386, a terra de Neiva e a de Aguiar de Neiva; em 2 de Março de 1387, o préstamo da vila de Melgaço e seu termo; em 5 de Outubro, as terras de Aires Gonçalves de Figueiredo; em 6 de Dezembro, em préstamo, todos os frutos e rendas e foros de todas as herdades e reguengos e mordomado de Santarém e seu termo; em 27 de Março de 1388, a tença de todos os direitos, foros e rendas reais em Ponte de Lima, Valença e Riba Minho; em 9 de Junho de 1389, todos os bens móveis e de raiz que pertenciam a Afonso Gomes de Lira, por estar fugido em Castela; em 8 de Julho de 1391, o Castelo de Lindoso com todas as suas pertenças; em 25 de Fevereiro de 1392, a alcaldaria-mor do Porto, hereditária, com todos os direitos e rendas; em 8 de Maio de 1398, a terra de Soaz e em 18 de Fevereiro de 1399 a terra de Bouças e 4 casais em Matosinhos⁽⁹⁾.

Acompanhou D. João I nas expedições militares, nomeadamente a do Cerco de Lisboa, Aljubarrota e Ceuta.

No Cerco de Lisboa, apenas com uma lança libertou uma galé apresada pelos castelhanos e recebeu 15 feridas no corpo e 2 na cara. Por estes actos de bravura recebeu ele o criptónimo de «o das Galés»⁽¹⁰⁾.

Na conquista de Guimarães foi o primeiro a entrar na vila e embora tenha sido ferido na cara, investiu e atacou sozinho um grupo de 20 escudeiros.

Em 1388, no ataque a Melgaço, quando o Rei rejeitou as tréguas pedidas pela segunda vez, João Rodrigues foi de voto favorável ao aceiteamento da capitulação. Porém D. João I respondeu a este conselho: «Quem medo houver não vá na escala». O Sá das Galés, indignado pela injusta insinuação, respondeu-lhe: «Eu, Senhor, não sei se dizeis vós isso por mim, mas cuido que nunca me vós a mim por tal conhecestes». O Rei corrigindo a sua infe-

(9) *Os brios portuenses em 1580 e 1640*, Carlos de Passos, pág. 55. É a nosso ver um dos mais conscienciosos estudos feitos sobre esta estirpe.

(10) Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, parte 1.^a, capítulo 139.

liz afirmação, retorquiu: «Nem eu não o digo por vós João Roiz, mas digo-o porque os hei já por tomados». Seguidamente accitou D. João I a capitulação que lhe fôra proposta (11).

Morreu o Sá das Galés em 1425 e foi sepultado na Igreja de S. Francisco, no Porto.

Casou com D. ISABEL PACHECO, filha de Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira de Aves e Penela, um dos executores de D. Inês de Castro, esteve nas Cortes de Coimbra (D. João I), e de sua mulher D. Joana Vasques Pereira; neta paterna de Lopo Fernandes Pacheco, Mordomo-mor do Infante D. Pedro, Chanceler da Rainha D. Beatriz, Embaixador de D. Afonso IV, esteve na Batalha de Nascera e Montiel com D. Henrique de Castela, que lhe deu o senhorio de Bejar e o fez Notário-mor de Castela, e de sua mulher D. Maria de Vilalobos (filha do Rico-homem D. Rui Gil de Vilalobos e de sua mulher D. Teresa Sanches, filha do Rei D. Sancho de Castela); neta materna de D. Vasco Pereira (irmão do Condestável D. Nuno) e de Inês da Cunha.

Tiveram:

4 — Fernão de Sá, que segue

4 — Gonçalo (Rodrigues) de Sá, foi Senhor de Aguiar de Sousa, Cavaleiro e Coudel dos vassallos do Rei no Porto.

Casou em 1.^{as} núpcias com Isabel de Magalhães, filha de Gil Afonso de Magalhães, Senhor da Nóbrega.

Casou em 2.^{as} núpcias com Inês Vaz, viúva de Álvaro Afonso Diniz, e que morreu em 1458 (12).

Este Gonçalo de Sá teve pelo menos dois filhos bastardos: Álvaro de Sá (filho de Maria Martins, solteira) legitimado em 1469; e Guiomar de Sá, legitimada em 1442 e que casou com Fernão Álvares da Maia (em 1.^{as} núpcias) e depois com André Barbosa, de Aborim. A esta sua filha e ao 1.^o marido doou Gonçalo de Sá, em 15 de Novembro de 1468, todas as suas Quintas, casais, azenhas, enxidos, etc., menos a terra de Aguiar, em reconhecimento por o

(11) Idem, VI, parte 4.^a.

(12) *Os brios portuenses em 1580 e 1640*, C. de Passos.

haverem tratado desveladamente nas suas enfermidades e não possuírem recursos adequados ao sustento de sua gerarquia ⁽¹³⁾.

- 4 — Gomes de Sá que casou com Beatriz de Portocarreiro, filha de um tio ou tia de D. Pedro de Menezes, 1.º Conde de Vila Real e 2.º Conde de Viana.

Foi seu filho único, Pero de Sá que casou com D. Brites de Sousa, filha de Rui Borges de Sousa, Alcaide-mor de Santarém, e deste casamento nasceram filhos varões que continuaram o apelido.

- 4 — João Rodrigues de Sá, casou com Brites (ou Francisca) de Sousa, filha de Gil Afonso de Magalhães, Senhor da Nóbrega e de Ponte da Barca, e de sua mulher Maria de Sousa.

Tiveram uma única filha, Guiomar de Sá que casou com Gaspar de Bettencourt, natural da Ilha da Madeira.

- 4 — D. Mécia Rodrigues, referida no testamento de seu pai.

Teve Bastardos ⁽¹⁴⁾:

- 4 — D. Guiomar de Sá (filha de Inês Rodrigues) foi legitimada a 7 de Outubro de 1389, e casou com João Vasques, Escudeiro do Porto.

- 4 — Rodrigo Anes de Sá (outros o fazem legítimo) dizem uns que foi o Arcediago de Labruge, nomeado no testamento do pai, e outros o fazem casado com Luísa de Barros.

Dele foi filha Filipa de Sá que casou com João Gonçalves de Crescente (ou de Miranda), Cavaleiro-Fidalgo e sobrinho de D. Pedro Álvares de Sotomayor (o Pedro Madruga), Conde de Caminha e Visconde de Tui.

⁽¹³⁾ Idem.

⁽¹⁴⁾ Em 1395, D. João I deu de foro uma casa no Porto a Afonso Anes de Sá. Em 1434, D. Duarte nomeou-o homem da moeda do Porto, o que D. Afonso V confirmou em 1442.

Pelo nome e pela época deve ser também filho bastardo do Sá das Galés.

Deles descendem os Sás de Miranda, de Coimbra,
Senhores das Quintas do Curval e do Soveiroo.

- 4 — D. N...., nomeada no testamento do pai.
4 — D. N...., » » » » »
4 — D. N...., » » » » »

4 — FERNÃO DE SÁ

Suc., Cavaleiro, herdou todos os bens de seu pai, por carta de 13 de Novembro de 1425 (excepto a terra de Aguiar de Sousa, que foi para o irmão Gonçalo de Sá). Em 18 de Maio de 1429 foi-lhe confirmada a terra de Sever. Em 10 de Dezembro de 1433, D. Duarte deu-lhe a terra de Gondomar. Teve ainda a Vedoria da Fazenda do Porto e os senhorios de Bouças e 4 Casais de Matosinhos (estes últimos por carta de 11 de Dezembro de 1433). Obteve o Padroado da Capela-mor da Igreja de S. Francisco, do Porto, para sepultura de sua família.

Casou com D. FILIPA DA CUNHA, filha de Gil Vasques da Cunha, Alferes-mor de Portugal, Senhor das terras da Maia, Marialva, Cêlorico de Basto, Borba de Azinhares, Vale do Bouro, Montelongo e Portocarreiro, e de sua mulher D. Isabel Pereira (irmã do Condestável D. Nuno Álvares Pereira).

Faleceu Fernão de Sá em Alfarrobeira, combatendo na hoste de D. Afonso V.

Tiveram:

- 5 — João Rodrigues de Sá, que segue
5 — Gil Vasques da Cunha, que casou com D. Isabel da Silva, filha de Diogo da Silva, Tesoureiro-mor de D. Afonso V. Tiveram geração que perdeu a varonia Sá.
5 — Diogo da Cunha, s. m. n.
5 — D. Isabel da Cunha, que casou com Luís de Brito Nogueira, administrador dos Morgados de Santo Estêvão de Beja e de S. Lourenço de Lisboa.
5 — D. Mécia da Cunha, mulher de Luís Freire de Andrade, que apesar de primogénito não herdou os senhorios de seu pai, filho de Gomes Freire de Andrade, 3.º Senhor de Bobadela, de juro e herdade, e de sua mulher D. Isabel Coutinho⁽¹⁵⁾.

⁽¹⁵⁾ *Brasões da Sala de Sintra*, A. Braamcamp Freire, Vol. II pág. 252.

Deles foi filho primogénito, Gomes Freire de Andrade que casou com D. Cecília da Silva (filha de João de Sousa, o Romanisco, 1.º Senhor do Padroado e Comenda de Soza, e de sua mulher D. Leonor da Silva, uma das damas do «Cancioneiro»). Em seu filho Manuel Freire de Sousa, 3.º Comendador de Soza, se continuou este antigo padroado até ao 6.º Comendador, Diogo Freire de Andrade e Sousa, por morte do qual passou a Comenda para a Casa dos Condes de Miranda, posteriormente Marqueses de Arronches e Duques de Lafões (16).

5 — D. Filipa da Cunha, que casou com António da Cunha, Senhor de Sequeiros. S. m. n.

5 — JOÃO RODRIGUES DE SÁ

Suc., Camareiro-mor de D. Afonso V, 3.º Alcaide-mor do Porto, na sua família (mercê de 16 de Junho de 1449), Senhor de Sever, Bouças, Baltar, Paiva, Aguiar de Sousa (quando morresse seu tio Gonçalo de Sá), Fronteiro-mor de Entre-Douro-e-Minho e Vedor-mor da Fazenda do Porto.

Lograva ele o direito de no Porto cunhar moeda de bulhão, o que posteriormente passou ao Conde de Penela. Foi ainda Padroeiro das Igrejas de S. Pedro de Abragão, S. Miguel de Rebordosa, e da Capela-mor da Igreja de S. Francisco, no Porto.

Viveu no Porto, nos seus paços na Rua Chã, perto da viela do Cativo.

Por carta de D. Afonso V, de 15 de Março de 1468, foi-lhe dado o Condado de Massarelos e, posteriormente, em 29 de Dezembro de 1469, acrescentado com o de S. João da Foz. Finalmente D. Manuel, por carta de 6 de Maio de 1501, confirmou-lhe a posse do Condado.

Casou em 1.ªs núpcias com D. CATARINA DE MENEZES, filha única de Luís de Azevedo, Vedor-mor da Fazenda de D. Afonso V, e de sua mulher D. Aldonça de Menezes (filha natural legitimada de D. Pedro de Menezes, 1.º Conde de Vila Real, 2.º Conde de Viana, 1.º Capitão-mor de Ceuta, Alferes-mor de D. Duarte). A esta Senhora assassinou o marido sem qualquer motivo. A mãe, D. Aldonça de Menezes, instituíra o Morgadio das Casas da Rua

(16) Idem, Vol. I, pág. 297/298.

Nova, que obrigava ao uso do nome e armas dos Menezes, e ao qual vinculara todo o dote que D. Duarte lhe concedera para casar com Luís de Azevedo, no valor de 7.000 coroas. Para seu administrador, escolheu ela seu neto Henrique de Sá e Menezes.

Casou em 2.^{as} núpcias com D. MARGARIDA DE VILHENA (17), filha de Martim Afonso de Melo, Guarda-mor de D. Afonso V, e de sua mulher D. Margarida de Vilhena. s. g.

A D. Margarida de Vilhena deu em 8 de Maio de 1470, o Rei D. Afonso V, a terra de Gondomar, com todos os foros, direitos, rendas e tributos (18).

Casou em 3.^{as} núpcias com D. JOANA DE ALBUQUERQUE (18), filha de Luís Álvares Pais, Mestre-Sala de D. Afonso V, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque.

O marido, em arras, deu-lhe as terras de Gondomar e Aguiar de Sousa, autorizado por carta régia de 1484 (19).

Filhos do 1.º matrimónio:

- 6 — Henrique de Sá e Menezes, Suc., 4.º Alcaide-mor do Porto na sua família, Camareiro-mor dos Reis D. João II e D. Manuel, Senhor de Sever, Bouças, V. N. de Gaia, etc., pertenceu ao Conselho de Estado de D. Manuel.

Casou com D. Brites de Menezes, filha de D. João de Menezes (que não foi Senhor de Cantanhede por morrer em vida de seu pai) Padroeiro da Igreja de S. Silvestre, e de sua mulher D. Leonor da Silva, Senhora da Quinta de S. Silvestre, por doação da Rainha D. Isabel, em 27 de Julho de 1452. D. João era filho primogénito de D. Fernando de Menezes, 2.º Senhor de Cantanhede.

(17) O Sr. Marquês de Abrantes faz João Rodrigues de Sá casado em 2.^{as} núpcias com D. Joana de Albuquerque e em 3.^{as} com D. Margarida de Vilhena. É, porém, manifesto erro, como facilmente se verifica pela escritura de dote que este fez a sua 3.^a mulher, e pela doação da terra de Gondomar, que fez D. Afonso V, em 1470, a D. Margarida de Vilhena. Ver o que vai indicado em (18) e (19).

(18) *Arquivo Histórico Português*, III, pág. 380.

(19) *Idem*, III, pág. 383.

Destes descendem os Sás e Menezes, que foram Condes de Matosinhos (em 20 de Dezembro de 1580), Condes de Penaguião (1 de Setembro de 1588), Marquês de Fontes (2 de Janeiro de 1659) aumentado posteriormente (14 de Julho de 1718) para o título de Marquês Parente, de Juro e herdade, com três vidas fora da Lei Mental, e Marquês de Abrantes, de juro e herdade, com honras de Parente e tratamento de Sobrinho, com três vidas fora da Lei Mental (em 12 de Agosto de 1718) (20).

Filhos do 3.º matrimónio:

- 6 — Francisco de Sá, foi Senhor de Aguiar de Sousa, Vedor da Fazenda do Porto, Capitão de Goa e Cochim.

Casou com D. Isabel da Silva, filha de Álvaro Pires de Távora, 12.º Senhor da Casa de Távora, do Mogadouro, de S. João da Pesqueira, etc., Alcaide-mor de Miranda, e de sua mulher D. Joana da Silva (filha 3.ª dos 1.ºs Condes de Penela).

Seu filho, João Rodrigues de Sá «o Moço», foi Vedor-mor da Fazenda do Porto, Comendador de Cristo e Senhor de Aguiar. Casou em 1.ªs núpcias com sua sobrinha D. Camila de Noronha, herdeira da Casa dos Sás, de quem teve D. Catarina de Noronha que casou com seu primo D. Francisco de Sá e Menezes, 1.º Conde de Matosinhos, Governador do Reino, Camareiro-mor de D. Sebastião, D. Henrique e D. Filipe I, Alcaide-mor e Capitão-mor do Porto, do Conselho de Estado, Capitão da Guarda dos Reis D. Sebastião e D. Henrique, Senhor das Comendas de Santiago de Cacém e de Sines, Senhor de Sever, Bouças, Aguiar de Sousa, etc., mas não tiveram geração.

Do 2.º casamento de João Rodrigues de Sá, «o Moço», com D. Maria da Silva, nasceu Francisco de Sá, autor da *Malaca Conquistada*, que casou com

(20) Marquês de Abrantes, obra citada, Vol. XXXII, fasc. 3 e 4.

- D. Antónia de Andrade, filha de Baltazar Leitão, Tesoureiro da Casa da Índia e Comendador de Cristo; teve geração que perdeu a varonia de Sá.
- 6 — Simão da Cunha, foi Fronteiro-mor de Entre-Douro-e-Minho e casou com D. Filipa Correia, filha de Pero Correia, Capitão da Ilha Graciosa. s. g.
- 6 — Artur de Sá, serviu na Índia e casou com D. Maria de Noronha. c. g.
- 6 — Garcia de Sá, foi Capitão de Malaca e Governador da Índia, após a morte de D. João de Castro, e Capitão-General.

Casou em 1.^{as} núpcias com D. Joana de Noronha, filha de D. Luís de Noronha, Senhor da Comenda de Sines, na Ordem de Santiago. s. g.

Casou em 2.^{as} núpcias com Constança N., mulher de baixa qualidade, moradora em Miragaia.

Deste 2.^o casamento nasceram: D. Leonor de Sá, que casou com Manuel de Sousa Sepúlveda, Capitão de Diu, e foram protagonistas de um dos dramas da *História Trágico-Marítima*; e D. Joana de Albuquerque, que casou com D. António de Noronha, Capitão de Malaca e filho do Vice-Rei da Índia, D. Garcia de Noronha.

- 6 — D. Brites de Albuquerque, casou com Lopo de Sousa, Alcaide-mor de Bragança e Aio do Duque de Bragança.
- 6 — D. Isabel da Cunha, foi Dama da Rainha D. Leonor, e casou com Jorge Furtado de Mendonça, Comendador das Entradas, e Represas, e de Sines.
- 6 — D. Eugénia de Sá, abadessa do Mosteiro de Jesus, em Setúbal.

Teve ainda Bastardo:

- 6 — Fernão de Sá, que viveu em Guimarães e casou com Brites de Miranda, filha bastarda de Martim Afonso de Miranda.

Deles parece descenderem os Senhores da Casa e Quinta de Sá, em Santa Eulália de Barrosas (Morei-

ras de Sá), os Morgados da Chã, Paço de Retorta, Senhores da Torre de Candoso, da Casa de Paço e da Quinta da Madalena, em Nespereira (21).

Fernando Manuel Moreira de Sá Monteiro

(21) *Nobiliário*, Felgueiras Gaio, tit.º de Sás, § 36; *Nobiliário* (manuscrito), José do Vale, na Biblioteca M. do Porto, em tit.º de Sás, § 18 «Sás de Barrosas, junto a Guimarães». Ver ainda com muito interesse o manuscrito «*Memória Histórica e Genealógica da Família da Torre de Candoso*», cota A-9-3-55, no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães.

